



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CAMPUS DARCY RIBEIRO – PLANO PILOTO  
DEPARTAMENTO: FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CURSO: EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA

Anielly Luiza Silveira Nunes

**Da ponta do lápis à ponta do pé: desenhos infantis e imagem corporal**

Brasília-DF

2022

Anielly Luiza Silveira Nunes

**Da ponta do lápis à ponta do pé: desenhos infantis e imagem corporal**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Educação Física do Centro de Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>.Dr<sup>ª</sup>. Ingrid Dittrich Wiggers.

Brasília-DF

2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pela autora

Nunes, Anielly Luiza Silveira  
Da ponta do lápis à ponta do pé: desenhos infantis e  
imagem corporal / Anielly Luiza Silveira Nunes; orientador  
Ingrid Wiggers. -- Brasília, 2022.  
54 p.

Monografia (Graduação - Educação Física - Licenciatura) --  
Universidade de Brasília, 2022.

1. Infância. 2. Imagem corporal. 3. Desenhos infantis. 4.  
Desenvolvimento do grafismo. I. Wiggers, Ingrid, orient.  
II. Título.

Anielly Luiza Silveira Nunes

**Da ponta do lápis a ponta do pé: desenhos infantis e imagem corporal**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciada e aprovado em sua forma final pelo Curso de Educação Física

Brasília, 28 de abril de 2022

---

Prof. Dr. Daniel Cantanhede Behmoiras  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dra. Ingrid Dittrich Wiggers  
Orientadora  
Universidade de Brasília

---

Prof. Dr. Renato Bastos Joao  
Avaliador  
Universidade de Brasília

---

Prof. Dra. Dulce Maria Filgueira de Almeida  
Suplente  
Universidade de Brasília

À minha amada MÃE, que me ensinou a me dedicar por aquilo que acredito. Hoje sua luz que brilha lá de cima reflete em mim.

## AGRADECIMENTOS

À Deus por sua bondade e misericórdia, por me amparar e fortalecer nesse árduo processo de formação profissional.

À minha MÃE Lilian que sonhou com sua primeira filha graduada e que lá de cima agora me guia. Mãe, deixo registrado o meu profundo amor por você e por nossa conexão. Foi tudo por você e sempre será tudo por você. Obrigada por me ensinar a nunca desistir, por me mostrar através de exemplos os mais preciosos princípios e valores. Estarei fazendo exatamente como me ensinou. Espero te orgulhar daí de cima.

Ao meu Pai David pelo apoio e por jamais descreditar do meu profissionalismo e da minha capacidade.

Ao meu Padrasto Osnir que foi peça fundamental para que eu prosseguisse até aqui.

Aos meus Irmãos Junior, Emanuelle e Mirelle que seguraram a minha mão e caminharam comigo até o fim. Especialmente à Emanuelle por dividir os dias comigo e por prestar todo o apoio possível e até mesmo aquele apoio que seria impossível.

Aos meus Padrinhos William e Idelma que cumpriram em completude o papel de apadrinhar e que me apoiaram como verdadeiros pais.

Ao meu companheiro de vida e de profissão Junior Menezes, por compartilhar comigo os dias de dores e de alegrias, assim como os desafios de ser professor. Que resistiu e persistiu ao meu lado cada adversidade e que acreditou intensamente em mim.

Aos meus melhores amigos Stefane, Karolina e Izael que me dividiram comigo as dificuldades e alegrias desse processo.

Aos amigos que a Faculdade de Educação Física me trouxe, Sofia e Rafael que foram verdadeiros apoiadores para que eu prosseguisse na caminhada da formação profissional. Pessoas as quais deixo registrada a minha profunda admiração pessoal e profissional.

Ao meu parceiro de pesquisa e agora amigo para vida, Higor, que acreditou vigorosamente em mim e no meu estudo. Sempre trabalhando comigo em conjunto, juntos formamos uma parceria de respeito.

Às minhas psicólogas Bruna e Silvana por acompanharem de perto esse processo, me ensinarem a buscar a estabilidade emocional e me acolherem em uma zona livre de qualquer julgamento.

À minha orientadora Ingrid Wiggers que expressou muita generosidade e bondade ao ensinar. Que dividiu sua rica experiência em pesquisa com crianças e que me inspira a desenvolver cada vez mais os estudos científicos.

Ao projeto Memórias da Infância que me trouxe grande oportunidade de conhecer de perto o universo dos desenhos infantis. Além da parceria com grandes nomes da pesquisa: Aldecilene, Juliana, Higor e Camila que juntos organizamos a coleção de desenhos em forma de inventário.

À Universidade de Brasília e ao seu valioso corpo docente, pela riqueza e qualidade ao oferecer Ensino, Pesquisa e Extensão. Por proporcionar oportunidades ímpares ao meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Às agências de pesquisa FAPDF e CNPQ que financiaram o projeto Memórias da Infância, bem como oportunizaram bolsas de pesquisa.

“[...] posse, pelo corpo, de um espaço e, nele, de um território totalmente pessoal, ou seja, apropriação do ser no mais íntimo de si”. (VIGARELLO, 2003).



## RESUMO

O conhecimento do corpo é uma informação aprendida dia após dia, é uma aprendizagem que tem como particularidade a construção de uma imagem corporal, essa que se apresenta como um fenômeno multifacetado, envolvendo aspectos mentais, sociais e culturais. A figuração do próprio corpo em nossas mentes se constrói e se reconstrói diariamente ao longo da vida, a partir da interação do sujeito com o outro e com o mundo. Dessa forma, a sua elaboração se dá através das experiências sociocorporais adquiridas por meio das práticas corporais na infância, que se mostram necessárias para o aprimoramento da imagem corporal. O presente estudo tem como delineamento uma pesquisa documental, com abordagem qualitativa, que buscou interpretar a representação corporal por meio de desenhos infantis confeccionados por crianças de Brasília entre 6 e 11 anos. Foram selecionadas 2 pesquisas realizadas com crianças, empreendidas pelo Imagem - Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação. Para analisar e compreender as percepções de imagem corporal em crianças, foram selecionados os desenhos que representam a figura humana por meio de autorretratos. A análise desses documentos evidencia que fatores como a mídia e contexto sociocultural são capazes de influenciar ou até distorcer a representação da imagem corporal das crianças. A análise sensível e em conjunto desses documentos evidenciou que o desenho infantil é capaz de captar as formas mais puras da expressão infantil. Por meio do desenho, a criança representa suas visões de mundo, demandas que lhe causam inquietude e não há limites para a imaginação, as crianças podem ser o que quiserem e como quiserem. Tendo em vista a relação entre a imagem corporal e a representação de figura humana por meio dos desenhos infantis, faz-se necessário sensibilizar os nossos olhares para perceber a completude de significações representadas nos desenhos de autorretratos. Assim como o corpo, os desenhos da figura humana são marcados por culturas e histórias, trazendo uma extensão da linguagem corporal. Além disso, o professor de educação física assume papel de grande importância no processo de elaboração da autoimagem ao oportunizar vivências corporais aos pequenos. Uma vez que com uma autoimagem que se aprimora a cada dia, a criança está propícia à plenitude de seu desenvolvimento humano, tornando-se capaz de se valorizar e de acreditar em suas potencialidades e competências.

**Palavras-chave:** infância; imagem corporal; desenho infantil.

## ABSTRACT

Knowledge of the body is information learned day after day, it is a learning that has as a particularity the construction of a body image, which presents itself as a multifaceted phenomenon, involving mental, social and cultural aspects. The figuration of the body itself in our minds is built and reconstructed daily throughout life, based on the subject's interaction with the other and with the world. In this way, its elaboration takes place through the socio-corporal experiences acquired through body practices in childhood, which are necessary for the improvement of body image. The present study has as its design a documentary research, with a qualitative approach, which sought to interpret the body representation through children's drawings made by children in Brasília between 6 and 11 years old. Two surveys carried out with children, undertaken by Imagem - Research Group on Body and Education, were selected. To analyze and understand the perceptions of body image in children, drawings that represent the human figure through self-portraits were selected. The analysis of these documents shows that factors such as the media and sociocultural context are capable of influencing or even distorting the representation of children's body image. The sensitive analysis of these documents together showed that children's drawing is capable of capturing the purest forms of children's expression. Through drawing, children represent their views of the world, demands that cause them restlessness and there are no limits to imagination, children can be whatever they want and however they want. Bearing in mind the relationship between the body image and the representation of the human figure through children's drawings, it is necessary to sensitize our eyes to perceive the completeness of meanings represented in the drawings of self-portraits. Just like the body, the drawings of the human figure are marked by cultures and stories, bringing an extension of body language. In addition, the physical education teacher assumes a very important role in the process of elaborating the self-image by providing the little ones with body experiences. Since with a self-image that improves every day, the child is conducive to the fullness of their human development, becoming capable of valuing themselves and believing in their potential and competences.

**Keywords:** childhood; body image; children's drawing.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação da criança na Idade Média.....	18
Figura 2- Representação da criança na época helenística.....	19
Figura 3- Autorretrato descrito conforme o protocolo.....	37
Figura 4- Um pontinho roxo embaixo da árvore verde.....	38
Figura 5- De boné na Escola Classe.....	40
Figura 6- O príncipe em seu castelo.....	41
Figura 7- O menino vampiro.....	42
Figura 8- Frente a frente.....	43
Figura 9- Eu e meu amigo.....	44
Figura10- A bela menina.....	46
Figura 11- Eu sou assim.....	47

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Trabalhos do grupo imagem, presentes no inventário que enfocam os desenhos de autorretrato.....	34
Quadro 2- Recorte das pesquisas selecionadas para compor a amostra desse estudo.....	36

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

FAPDF - Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal.

FEF – Faculdade de Educação Física.

UnB – Universidade de Brasília.

## SUMÁRIO

<b>1 CAPÍTULO 1 – INICIANDO OS TRAÇOS - INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
1.1Objetivos.....	17
1.1.1 Objetivo Geral .....	17
1.1.2 Objetivos Específicos .....	17
<b>2. CAPÍTULO 2 - UM MERGULHO COLORIDO NA INFÂNCIA – REFERÊNCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>17</b>
2.1.Estudos da infância.....	17
2.2 Desenho infantil.....	22
2.3 O desenvolvimento do grafismo.....	26
2.4. Imagem corporal.....	30
<b>3. CAPÍTULO 3 - DESENHA, ANOTA E FAZ CONTINHA - METODOLOGIA.....</b>	<b>33</b>
<b>4. CAPÍTULO 4 - DESCOBRINDO O TESOURO - ANÁLISE E DISCUSSÃO.....</b>	<b>38</b>
4.1. Meu corpo no contexto.....	38
4.2. "Tem pó de Pirlimpimpim": o imaginário e o real .....	41
4.3 "Quem é você": os significados e sentidos (estádio do espelho).....	43
4.4 "Tia, ele é mais alto": o eu e o outro .....	44
4.5 "Tem que ser magra": as representações dos padrões de beleza .....	45
4.6 "Do traço ao compasso": diferenciações no desenvolvimento do grafismo.....	46
<b>5. CAPÍTULO 5 - É HORA DE GUARDAR OS LÁPIS DE COR - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>54</b>
<b>APENDICE B.....</b>	<b>55</b>

## 1 INICIANDO OS TRAÇOS – INTRODUÇÃO

Quando pensamos em infância, temos a tendência de viajar para o universo do faz de conta, das doces lembranças e dos momentos de travessuras. É nessa fase, que invariavelmente todos nós estivemos um dia, que acontecem ricas descobertas, como a construção da personalidade, o desenvolvimento corporal e mental. Aliado à infância há uma folha de papel, lápis de cor, canetinhas, ou até mesmo um giz e um chão pronto para receber as mais profundas expressões de um pequeno que vive sua infância em integralidade.

Potencializar e valorizar os costumes da cultura lúdica infantil faz parte da história dos indivíduos, pois os pequenos não são meros apropriadores de normas, regras e formalidades do mundo adulto, mas sim, produtores de suas próprias culturas, e por isso participam ativamente da formação de comunidades e sociedades. Conforme o exposto, Sarmiento e Pinto (1997) afirmam que:

A consideração das crianças como actores sociais de pleno direito, e não como menores ou como componentes acessórios ou meios da sociedade dos adultos, implica o reconhecimento da capacidade de produção simbólica por parte das crianças e a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em cultura (SARMENTO E PINTO, 1997, p. 20).

Partindo do pressuposto que as crianças se expressam em suas produções simbólicas, podemos começar a delinear e redirecionar o pensar no desenho infantil. Toda criança manifesta o ato de desenhar nas folhas de papel ou qualquer outro lugar que lhes pareça minimamente propício: as crianças contam suas histórias, suas inquietudes e o faz de conta que representam suas visões próprias de mundo. Com base neste sentido do mundo à nossa maneira singular, pretendemos observar e descrever neste trabalho as percepções das crianças sobre seus corpos através dos desenhos infantis, considerando as teorias que envolvem a infância, imagem corporal e desenvolvimento do grafismo.

A partir disso podemos refletir que a noção de criança tende a se construir como um modelo padronizado de um corpo disposto apenas a receber ordens, sem direito a desejar ou a opinar. Nas escolas por exemplo, muitos docentes escolhem colocar a normatização da criança através do modelo pedagógico tradicional, muitas vezes inspirando poder e respeito, que por vezes inconscientemente são capazes de controlar, disciplinar e docilizar os pequenos corpos.

A percepção corporal e a construção da imagem corporal em seus aspectos fundamentais é um processo e uma produção subjetiva, por isso inacessível ao outro.

E que depende da indissociabilidade entre as dimensões psíquicas, fisiológicas e socioculturais. Os ambientes socializadores das crianças como a escola, o ambiente familiar pode refletir de modo a trazer influências externas, mas de forte impacto. Nesse sentido podemos compreender a família como o primeiro grupo social onde a criança pertence e se insere desde o nascimento. Inicialmente afeta muito, se não todas, as suas decisões, incluindo o modo de vestir e até mesmo o modo de se portar.

Os corpos passam por um processo de civilização, onde a infância é considerada como um espaço de desejos e projeções dos que nos antecederam. Assim, o corpo passa a ser considerado como um elemento híbrido e educacional, associando a ideia de processo que não deve ser isolado. O corpo se unifica nesse processo quando se entrelaça com as relações formadas entre o homem e a natureza não humana.

Ainda nesse pensamento, o corpo que se constrói na interdependência constante do homem com o que há ao seu redor se renova num processo que nos possibilita pensar na diversidade emocional característica do ser humano. Nesse sentido, apresento as minhas justificativas para o desenvolvimento do presente estudo.

A partir das minhas vivências nos estágios da Educação Infantil pude observar de perto a relação dos estudantes com os seus próprios corpos, bem como o trato dos atores envolvidos no processo educacional que na maioria das vezes se apresentavam como forma de repressão sobre esses corpos, que na base do desenvolvimento e construção de suas personalidades tinham suas vontades, práticas e manifestações tolhidas. Tendo em vista esse argumento, pude perceber a necessidade de aprofundar nessa linha de estudo visto que a imagem corporal influencia diretamente na realidade dos estudantes, de forma que pudesse contemplar a profissional de educação física que almejo ser, que acredita na integralidade do corpo humano.

A educação física mostra-se um instrumento facilitador da promoção ao ser integral, dessa forma é possível proporcionar práticas corporais que repercutem de forma positiva na construção de uma imagem corporal saudável, longe de imposições de padrões de corpo, ou até mesmo da performance e desempenho corporal perfeitos. Pois na infância quanto antes esses corpos estiverem cientes de suas corporalidades e da indissociabilidade do corpo e mente, menos risco de estarem expostos aos moldes corporais pré-estabelecidos.

Elias (2009) afirma que nenhuma emoção humana é inata, trata-se de um modelo fixado. Como linguagens, as emoções são resultado de uma fusão entre aqueles processos que são inatos e aqueles que são adquiridos. Dessa forma, observaremos no decorrer desse estudo



o modo que esses processos se manifestam. A seguir, iniciaremos uma reflexão acerca da infância calcada pela sociologia da infância, desenho infantil e seu desenvolvimento, além da reflexão sobre imagem corporal e como se dá a sua construção. Em seguida apresento a metodologia adotada para esse estudo. Partiremos para as análises dos desenhos mais representativos dentro da amostra estudada. E por fim as considerações finais onde apresento as principais evidências desse estudo.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 **Objetivo Geral**

Interpretar a representação corporal por meio de desenhos infantis confeccionados por crianças de Brasília entre 6 e 11 anos.

### 1.1.2 **Objetivos Específicos**

Descrever os desenhos de crianças produzidos em Brasília considerando o grafismo infantil e suas relações socioculturais.

Analisar os desenhos de autorretrato em camadas, sendo elas: a estética, o desenvolvimento dos traços, e os significados relacionados a cada representação de imagem corporal desenhada.

## 2 UM MERGULHO COLORIDO NA INFÂNCIA – REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 ESTUDOS DA INFÂNCIA

A infância é a fase da vida em que a maioria das pessoas desejam retornar. As boas lembranças e bons sentimentos que geralmente temos dessa fase nos fazem pensar o porquê de queremos crescer rapidamente quando somos jovens. No entanto, a infância, que agora é considerada vital, nem sempre existiu. Dessa forma torna-se relevante abordar como a visão de infância que temos atualmente se desenvolveu ao longo da história.

É de amplo saber que a infância é uma fase de exploração, ricas descobertas, evolução e inúmeros aprendizados e com isso temos a tendência de naturalizar alguns sentimentos construídos socialmente. Nós adultos tendemos a inferiorizar crianças e infâncias, levando em consideração apenas aspectos sociais ou biológicos e pensando na infância como um período de transição para a vida adulta que logo é esquecida (SIMÃO, 2007).

Esses pensamentos e ações mostram-se redutores a medida em que acontecem, afinal a infância vai muito além da reprodução de conhecimentos e comportamentos; a visão de Phillippe Ariès (1981) contribui para uma ruptura desses pensamentos, evidenciando aspectos que possivelmente reforçam percepções limitadoras e antiquadas como por exemplo: na Idade Média não havia espaço para a infância, nem termos específicos para a criança, não havia censura e nem barreiras morais.

Pensando assim, voltaremos olhares para a evolução histórica da representação da imagem de crianças. Ainda na Idade Média as crianças eram representadas no âmbito artístico como um adulto em tamanho reduzido, sem traços infantis e nem mesmo diferença nas expressões, (ARIÈS, 1981). Tal percepção fazia-se presente não só em representações artísticas, conforme explicitado na figura 1, mas também nas ações tomadas, uma vez que direitos básicos eram cerceados a esse grupo, tendo como principal exemplo o direito a educação, esse que era dedicado aos adultos e nobres na idade média.

Figura 1- Representação da criança na Idade Média



Fonte: Pixabay

A representação mais próxima da imagem real das crianças e infâncias aparecem nas artes da época helenística com exemplos de imagens das crianças relacionadas ao menino Jesus, por conseguinte remetendo a infância ao sagrado mostrando a intenção de proteger a família e seus valores. A partir do século XIV esse aspecto se mostra diversificado e representa progresso no sentimento de infância, pois os gestos de afeto e a delicadeza das crianças aparecem, alimentando dessa forma o sentimento de infância graciosa que foi retratado em diversas obras desse período. As crianças eram representadas sempre em companhia de uma imagem adulta, como mostra a figura 2, seja ela de família ou amigos, o que possibilita uma interpretação do

princípio da subjetivação da criança como um ser unicamente aprendiz e submisso a classe adulta, um ser que deveria ser moldado e civilizado para reproduzir os comportamentos do mundo adulto (ARIÈS, 1981).

Figura 2- Representação da criança na época helenística.



Fonte: Pixabay

A infância no período helenístico era pontuada como uma fase insignificante, cuja serventia seria apenas uma transição para o mundo adulto, a qual aconteceria unicamente quando a criança apresentasse determinada compreensão sobre os costumes e culturas da vida adulta. A separação do mundo das crianças para o mundo adulto nos apresenta o sentimento moderno de infância, e com esse advento surge um costume que mesmo em dias atuais permanece presente: o de colecionar retratos dos filhos na infância (ARIÈS, 1981). Esse comum hábito por sua vez transforma o pensamento de uma infância insignificante que deveria ser superada para um instrumento valioso de tornar a infância eterna, digna de lembrança e importância.

A ideia de infância é uma ideia moderna. Remetidas para o limbo das existências meramente potenciais, durante grande parte da Idade Média as crianças foram consideradas como meros seres biológicos, sem estatuto social nem autonomia existencial (SARMENTO, 2004, p.3).

Como forma de solenizar a passagem da infância para o amadurecimento na sociedade, são colocados alguns ritos típicos que registram através de cerimônias a marcação do comportamento especial do indivíduo, proporcionando condições para a superação e o início

de uma nova fase. Essas se diferenciam de cada sociedade, temos como um clássico exemplo as festas de debutante ou a primeira comunhão. Entretanto nem todos os ritos são isentos de dor e de perigo, em determinadas sociedades indígenas o rito de passagem se dá através das picadas de formigas durante dez minutos. Esse contexto por sua vez apresenta que o fato de deixar a fase da infância mostra-se muito mais importante do que a vivenciar em sua completude e integralidade.

Ao pontuar esses aspectos torna-se válido colocar questões acerca de como ocorre o desenvolvimento infantil como forma de fundamentação para algumas indagações. A criança por sua vez é capaz de apresentar suas próprias configurações psíquicas, compreensões de mundo e vida, ao mesmo tempo em que possuem a capacidade intrínseca de se apropriar de comportamentos, costumes, normas e ritos tanto do mundo adulto quanto do mundo infantil. Essa capacidade de cruzar tais informações permite que a criança se habitue e socialize nos dois mundos, sabendo exatamente como e quando se utilizar das regras infantis ou adultas. Assim como Ariès (1981) explica ao evidenciar que somente no século XVII surge o conceito de infância: as crianças eram vistas como adultos, podendo ser adultos mais fracos e menos inteligentes. As crianças eram vestidas como adultas e trabalhavam desde muito cedo.

Somente no século XIX são abertos caminhos para a pesquisa científica sobre o desenvolvimento infantil como aspectos tradicionais da infância que nos mostram que a história da humanidade está diretamente vinculada a história da infância. O vínculo entre criança e sociedade é a chave com que se faz o desenvolvimento infantil acontecer, esse se apresenta através do efeito histórico que não é definido por ordens naturais e engessadas, mas que está intimamente relacionado às condições diretas de como a sociedade se organiza. Dessa forma o desenvolvimento infantil mostra-se contínuo, vulnerável por fatores internos e externos ao seu meio onde aspectos sociais, biológicos, culturais e psíquicos são cruzados tornando plásticos e moldáveis os modos de agir, pensar e sentir dos pequenos.

Ao superar o sentimento de que as crianças são como uma tela em branco, estamos lidando com a necessidade de refletir e compreender as crianças e suas diferentes infâncias. Considerando que o desenvolvimento da criança se relaciona diretamente com o aprendizado, o qual acontece pouco a pouco, mas a todo tempo, já que as crianças aprendem de formas e estímulos diferentes.

A construção do aprendizado é como pequenos tijolinhos empilhados que ali representam contextos, histórias, experiências e vivências, as quais aos poucos constroem a

completude da criança, tornando-se algo consolidado, firme como alvenaria, entretanto mantendo o compromisso de sempre se renovar em novas práticas, assim como expressa Papalia: “Cada período do ciclo da vida é influenciado pelo que ocorreu antes e irá afetar o que virá depois” (PAPALIA; OLDS, 2000, p. 31).

É evidente que as crianças diferentemente do contexto sociocultural são consideráveis produtoras de história e cultura (MEDA, 2014) da sociedade em que vivem e não culturas constituídas em um ensaio para a vida adulta. Além de possuírem uma visão aguçada daquilo que os adultos tendem a tornar natural ao passar do tempo.

As crianças são capazes de atribuir status de indivíduos em relação ao espaço que ocupam, enquanto os adultos carregados por uma tendência adultocêntrica, atribuem o significado do espaço às pessoas que o ocupam (GOBBI, 2014). Portanto, a vida adulta não significa unicamente o acúmulo de conhecimento, mas também significa negar o que era conhecido em um estágio anterior, isso de fato evidencia que as crianças são qualitativamente diferentes dos adultos e não um adulto em miniatura (SIMÃO 2007).

Mas afinal, o que é infância? Acreditamos na infância que se constrói de acordo com a organização social. Conforme propõe Oliveira (2005), as crianças são o sujeito das relações sociais inseridas em determinado ambiente social. Nesse caso, a infância é vista como uma espécie de construção social, refletindo as mudanças das atividades humanas. A história da infância e seus estudiosos respectivamente nos mostram que as condições de vida das crianças experimentaram condições decisivas, e essas condições constituem as categorias pluralistas da sociedade.

Quando falamos em relações sociais, o desenvolvimento e a sistematização da sociedade podem situá-la de uma forma especial. A pesquisa de Ariès (1981) confirma que a infância é um produto da história moderna, não apenas de dados difundidos. Ainda afirma Javeau que:

As crianças devem ser consideradas uma população ou um conjunto de populações com pleno direito (científico), com seus traços culturais, seus ritos, suas linguagens, suas “imagens-ações” ou, menos preciso no tempo e no espaço, com suas estruturas e seus “modelos de ações” (JAVEAU, 2005, p. 385).

Corroborando com essa ideia Qvortrup et al. (apud Montandon, 2001, p. 48) apontam que o termo "crianças" seria correspondente ao grupo de "infâncias" que agora são consideradas categorias sociais. Grupo o qual se apropria de meios únicos e singelos para representar aquilo

que sentem, se socializam através das brincadeiras, atuam criativamente e desenhando como forma expressão de uma época e de um lugar, bem como uma fonte de memória da infância.

## 2.2 DESENHO INFANTIL

Ao dialogar a respeito da infância compreendemos que este é um período de muitas descobertas que trazem consigo intensas características capazes de marcar e identificar a complexidade e riqueza do que é ser criança. Expressando o reflexo do contexto histórico, social, individual, econômico e cultural que se insere a criança, fato esse que influencia diretamente nas práticas comuns da infância como por exemplo: o desenhar.

Sabemos que toda criança desenha, seja com lápis e papel ou mesmo com um caco de tijolo na parede. Desde pequeninos as crianças são influenciadas a desenhar, seja por ver um adulto escrevendo ou mesmo pela genuína alegria de ganhar uma caixa de lápis de cor, ato que se mostra tão comum na infância quanto o brincar. Os desenhos são usados corriqueiramente como método facilitador por professores do ensino infantil, uma atividade simples e acessível, mas capaz de fortalecer a comunicação entre a criança e um adulto além de desenvolver os aspectos sociais, psicomotores, emocionais e cognitivos da criança. Por meio das cores e traços as crianças mostram um pouco de si.

[...] porque o desenho é para criança uma linguagem como o gesto e a fala. A criança desenha para falar e poder registrar sua fala. Para escrever. O desenho é sua primeira escrita. Para deixar sua marca, antes de aprender a escrever, a criança se serve do desenho. A criança desenha para falar de seus medos, suas descobertas, suas alegrias e tristezas. (MOREIRA, 2009, p. 20).

Essa prática, entretanto, acaba sendo desconsiderada em determinadas ações advindas dos principais atores envolvidos na educação da criança que por vezes pouco privilegiam a imensidão desse entendimento. Desse modo, expressam Barbosa e Magalhães (2008) constatam que se conhece pouco sobre o significado de infância e suas peculiaridades. O fato de conhecer os pequenos é, de acordo com Sarmiento (2003), decisivo para a revelação da sociedade.

Tradicionalmente o público adulto possui uma relação de hierarquia para com as crianças, de modo que se torna corriqueiro tratar com menosprezo, desdém ou superioridade as práticas e produções advindas das crianças. Essas manifestações apresentam-se tão comuns que basta observá-las para que se mostrem presentes, no entanto acabam passando despercebidas e

tornando-se naturais aos nossos olhos, que de tanto ver banalizam sua percepção ocasionando conhecimento limitado da complexidade das práticas exercidas por crianças.

Além disso as contribuições teóricas direcionadas tanto para os pais e responsáveis quanto aos professores podem tornar-se reducionistas ao tratar desse assunto, pois, contribuindo com esse pensamento, Salles (2005) expõe que se criou a infância excluindo as crianças do mundo adulto, a título de exemplificação temos a clássica situação verticalizada em que se propõe: “em conversa de adulto, criança não se mete”. Temos ainda a criança que despende seu esforço criativo e manipulativo em um desenho ou pintura que ao levar ao crivo de um adulto, tudo que recebe como resposta é um comum: “ah, tá bonito, tá legal”, quando na verdade aquela produção encontra-se recheada de significados e percepções coerentes ao universo da criança que o produziu.

É perceptível que até nos espaços ditos como mais “propícios” para que as diversas manifestações infantis venham ocorrer as crianças estão sujeitas a repressão dessas práticas, sendo tratadas nas principais instituições como pequenos adultos que estão prontos para se encaixarem nos padrões sociais vigentes e se adaptarem aos costumes e significações de uma sociedade adulta, sendo impostas regras a serem seguidas e horários a serem cumpridos.

A partir do supracitado percebe-se que a história da infância está marcada diretamente pela influência adulta ao falarmos do contexto social, tendo como resultado o tolhimento precoce dos meios naturais que uma criança tem de se expressar. Esse é um dos grandes fatores que podem influenciar para que as crianças deixem de viver a infância em sua totalidade e integralidade.

Ao pensar no conceito de “criança” associando a um ser pequeno, de pouca idade, pouca experiência que apenas integra um contexto, reforça a visão adultocêntrica que carregamos. Vale potencializar que a criança deve ser entendida como um ator social, um ser que pensa, reflete, discute, possui argumentos, que tem necessidade de se expressar, elabora juízos de valor e que além de tudo faz parte dos processos de construções sociais, históricas e culturais como um todo.

Dessa forma, deve-se existir espaço para o pensamento de que a infância não deve ser intrínseca aos signos e padrões adultos devido a peculiaridade da consciência infantil. Tendo em vista o proposto, faz-se mister incluir nessa discussão a latente capacidade de criação infantil que mostra através de suas produções, registros históricos e culturais um retrato da sociedade que está inserida. O principal meio de produção usado pelas crianças para expressar todas

aquelas demandas sociais que lhe causam inquietude é o desenho; ainda considerado por muitos apenas como uma distração para os pequenos ou como tarefa escolar, esconde por trás dos rabiscos uma imensidão de sensações e emoções.

Ademais, Gobbi (2002) expõe que os desenhos possuem a capacidade de apresentar informações que extrapolam seu próprio significado ou o que tenta transparecer para quem o vê. Com base em ideias da antropologia, o desenho e o ato de desenhar são formas que remetem o próprio ver do desenhista e do grupo ao qual ele faz parte. Quando reduzimos o entendimento sobre produções infantis a unicamente aspectos cognitivos passamos a desconsiderar e negligenciar as próprias crianças, suas origens, classe social, etnia e gênero.

Assim, considerar o contexto em que estamos, quais bagagens portamos ao nos relacionarmos com os desenhos, refletir sobre a forma de chegada e contato com os traços que aparentam simplicidade, mas que são válidos como documentos, registros históricos e artefatos culturais são capazes de representar vestígios da história das crianças. O desenho infantil é um tema que possui variadas nuances, entre elas encontram-se as diversas abordagens teóricas trazidas ao passar do tempo que se direcionam tanto aos pais e responsáveis quanto aos professores e que abrem ampla discussão acerca do desenho infantil contemplando diferentes áreas do conhecimento.

Dentre essas abordagens, há as que restringem a idade ao aparecimento das atividades gráficas das crianças enquanto há também aquelas que acreditam que os pais devem dedicar-se a oferecer materiais a serem manipulados pelas crianças e que isso por si só já asseguraria a produção natural da criança. Victor Lowenfeld (1976) atualiza os pensamentos ao propor que as crianças devem ser livres da influência adulta e que ela passa por fases diferentes em seu próprio tempo e esquematiza os estágios do desenho infantil em seis etapas, sendo elas: garatuja, pré-esquemática, esquemática, realismo nascente, pseudo naturalismo e decisão.

Com isso, o pensamento de Lowenfeld foi essencial para entendermos que ainda antes de representar, a criança apodera-se da imitação, comparando o imaginário e o real, dessa forma, é possível criar e recriar pensamentos, fantasias, situações boas e ruins que já lhe aconteceram. Mas para compreender os rabiscos infantis, devemos inicialmente conhecer, compreender a criança e voltar nossos olhares com calma, curiosidade e sensibilidade para as manifestações infantis.

O desenho infantil está entre as mais importantes formas de expressão da criança precedendo a fala e a escrita e transportando através do gesto a representação e subjetividade



de realidades que lhe são interiores e exteriores, muitas vezes advindas de espelhos sociais. Os desenhos carregam sempre significações artísticas e estéticas, seja ao valorizar a própria imagem do pequeno desenhista, seja em seus traços, os quais por mais que pareçam desprovidos de complexidade, remetam perspectivas da infância e do desenvolvimento natural da criança que nossos olhares não são capazes de valorizá-los.

Para que isso se consolide é necessário buscar educar o olhar para perceber a arte infantil em sua inteireza. Mário de Andrade (1981) trata isso como “fazer artístico” que não é ensinável, é apenas a ação sobre o material, chamado de artesanato. O fato de que o desenho é uma experiência que pode se relacionar entre o real e o imaginário da criança pode ter relação com um descompasso significativo que indica um desvio plástico, o qual traduz-se em uma autopercepção diferente daquela que é posta em suas produções infantis.

“(…) Este processo de criação é uma reelaboração do antigo com o novo, reforçando a ideia de que toda invenção é, então, produto de sua época e de seu ambiente. Assim, para Vygotsky, a criança recria ou reproduz o que já existe – constitui novos campos de significação para a realidade presente. É a partir da inquietude, da inadaptação, que o sujeito busca soluções outras, desencadeando o processo de (re)criação. Desta forma, a imaginação e a realidade cotidiana, mediadas pela linguagem, fundem-se na composição do desenho daquilo que a criança conhece. Os desenhos são, então, signos constituídos pelas interações sociais” (GOBBI E LEITE, 2002, p. 104).

Essa afirmação nos mostra que as crianças são capazes de viver e reviver a sua história, além de criar e recriar tudo aquilo que é ou já foi experienciado. Para cada infância e para cada criança devemos voltar olhares diferenciados e atentos, para que cada interpretação seja única e fiel ao que os pequenos têm como intenção de retratar. O desenho infantil se caracteriza em um ambiente de acesso a símbolos produzidos pela criança.

Como forma de deixar a interpretação dos desenhos ainda mais fidedigna, estudiosos desse campo, sugerem que um bom método é atrelar a oralidade durante ou após a confecção do desenho, dessa forma, abrindo espaço à escuta sensível dos pequenos, valorizando tanto o processo de produção do desenho quanto a produção em seu estado final. É o que propõe Gobbi (2002), ao ressaltar que precisamos lidar com “[...] os desenhos infantis em conjugação à oralidade como formas privilegiadas de expressão da criança”.

Isso significa que ouvir o que os pequenos têm a dizer sobre si e tudo aquilo que os inquietam através dos desenhos. Logo, ao sensibilizar a escuta é possível alcançar um resultado satisfatório seja em pesquisas com crianças pequenas, ou também em qualquer outro ambiente

que não tenha como finalidade os estudos. Por mais que não exista representação, pode existir troca de informações sobre as mais diferentes vivências, sentimentos e emoções da criança.

Outrossim, faz-se conveniente mencionar que os relatos sobre criança e sobre infância ocupam espaço maior nessa discussão quando comparados aos relatos das crianças, essas geralmente são estudadas de modo restrito pois são relacionadas aos objetivos predefinidos dos adultos, esse fato ressalta que o ato de escutar os pequenos tem sido colocado em segundo plano e que ainda carece de estudos, principalmente quando se trata da escuta com crianças bem pequenas. No bojo dessa discussão é importante considerar o espaço da percepção da criança em relação ao seu próprio desenho para consolidar um resultado ainda mais fidedigno da interpretação. Dessa forma:

[...] se produz um discurso que identifica os sujeitos e sua cultura, vista não como uma herança de valores e ideologias, mas como um conjunto de atos, pensamentos e crenças em processo permanente de transformação. A partir das nossas construções definimos o mundo e a nós mesmos (GOLDBERG,2004, p.66).

Tendo em vista essas reflexões, os desenhos infantis são capazes de nos mostrar o modo que se configura o universo infantil, a história, a cultura e sua própria imagem e as relações de gênero através dos olhos das crianças. E que muitas vezes abandonar o adultocentrismo que há em nós para dar espaço as contribuições infantis não é tarefa fácil, mas que nos permite ter um amplo conhecimento daquilo que nos cercam diariamente. Sempre há escopos para a imaginação nos desenhos, para a subjetividade e para ser o que quiser. Entendamos que não há tempo específico ou idade específica para que a evolução apareça a partir do ato de desenhar, por simples prazer e para que mundos sejam construídos através dos desenhos.

### 2.3 O DESENVOLVIMENTO DO GRAFISMO

Assim como as crianças, o desenho infantil perpassa por um constante desenvolvimento. Os estudos contemporâneos do campo da psicologia, antropologia e sociologia trazem aspectos que são capazes de tornar ainda mais tênue a discrepância entre o desenvolvimento do corpo e desenvolvimento do grafismo. O estudo de Melo (2016) apresenta contribuições teóricas que através da observação de crianças nos informa como o processo evolutivo dos desenhos infantis acompanha o desenvolvimento integral da criança, nota-se que

os traços expressam os pensamentos e a vontade de tornar presente aquilo que se pretende registrar no desenho.

Ainda antes de representar, a criança se apropria da imitação, fazendo breves comparações entre o imaginário e o real, assim, é possível criar e recriar pensamentos, fantasias, situações boas e ruins que já lhe aconteceu. Mas para compreender os rabiscos infantis, devemos inicialmente conhecer, compreender a criança e voltar nossos olhares com calma, curiosidade e sensibilidade.

Para melhor compreendermos os desenhos, faremos uma aproximação das ideias de Piaget (1976) e Lowenfeld (1976), que tratam o ato de desenhar como a primeira escrita da criança e que deve ser valorizado no cotidiano como forma de entender o desenvolvimento social e psicológico da criança, isso os leva a esquematizar o desenvolvimento dos desenhos. Sabendo que os desenhos são capazes de expressar a cultura infantil através de um processo criativo e sensível que está ligado com o que acontece no interior e exterior da criança, é importante levar em consideração o meio social e como os estímulos são ofertadas as crianças, pois estas manifestações são provenientes de pessoas que apresentam valores e personalidades que constroem a aprendizagem e conhecimento dos pequenos.

Antes mesmo de ingressarem na escola, os desenhos revelam o que passa no íntimo das crianças antecedendo a fala, mas ao entrar na escola os desenhos sofrem modificações, por isso a prática pedagógica deve ser cautelosa para que a criança seja constantemente estimulada a ver e pensar sobre suas produções, caso contrário a prática do professor pode ser empobrecedora para a capacidade de desenhar.

Através do desenho podemos obter dados sobre seu desenvolvimento geral, que nos traz noções do comportamento afetivo, emocional, perceptivo e motor. A criança pode rabiscar pelo mero prazer de rabiscar, mas conforme domina o gesto e percebe visualmente que os gestos e as marcas registradas expressam ligação, o ato passa a ser intencional levando-a ao desenvolvimento social e psicológico, de representação e compreensão do mundo, dos objetos que fazem parte da sua vida e assim caracterizando as etapas de evolução do desenho infantil.

**ETAPA DA GARATUJA:** Ocorre entre o primeiro e quarto ano de vida, quando a criança começa a rabiscar e se surpreende ao ver que um lápis em sua mão deixa marcas no papel. Caso não seja ofertado papel a criança, ela fará isso com móveis, paredes ou até mesmo o próprio corpo. Essa fase representa o início da expressão que levará a criança ao desenho, reflete o prolongamento e o movimento rítmico de ir e vir. **a) Garatuja desordenada:**

correspondem linhas em todas as direções que pode ultrapassar o papel, sem nenhum planejamento prévio ou controle da criança. **b) Garatuja ordenada:** a criança percebe que existe ligação entre seus movimentos e as marcas feitas no papel, passando para o traço descontínuo. Desenha trocando intencionalmente de cor, começa a fazer formas circulares e ter controle sobre tamanho e formas de seus gestos. **c) Garatuja nomeada:** a criança passa mais tempo desenhando, distribui melhor o desenho no espaço, faz comentários verbais e dá nomes as garatujas. Essa etapa, onde a criança desenha o que tem mais significado para ela.

Lowenfeld (1976), considera essa fase como Rabiscção Desordenada, a qual os pequenos vivem e expressam seus gestos instintivos, responsável pelo prazer de expandir às necessidades motoras. “Nesta fase, a criança expressa, através de seus traçados, ternura e confiança ou medo e agressividade” (SOUZA, 2010, p. 20). Em seguida a criança não abandona as garatujas, mas se apropria das formas geométricas como, círculos, quadrados e triângulos.

**ETAPA PRÉ-ESQUEMÁTICA:** Trata-se de uma etapa egocêntrica que vai dos quatro aos seis anos de idade, aqui surgem formas próximas da realidade e intencionais e passa para a configuração de linhas ordenadas. Nessa etapa, os sentimentos e emoções passam a ser relevantes que são expressos de forma desproporcional e exagerada. Aqui Lowenfeld (1976) interpreta como Rabiscção Longitudinal, pois a criança já consegue representar símbolos isolados. A figura humana já passa a ser expressa com fluidez e unidade, há aparição do imaginário e criatividade. Nessa fase a criança pode ser o que quiser e como quiser.

**ETAPA ESQUEMÁTICA:** Essa etapa se estende dos 7 aos 9 anos de idade, onde a criança desenvolve o conceito de formas definidas. Os desenhos simbolizam partes de si e do seu meio e estabelecem relações entre os elementos e as cores. Passa do egocentrismo para a cooperação. O desenho que a criança faz sofre total influência do meio em que vive, por isso quanto maior e mais ricas forem as experiências oferecidas aos pequenos, maior será o grau de progressão da criança. Lowenfeld (1976) pontua essa fase como Figuração Esquemática, onde a criança faz associações com as referências socioculturais como a figura de um cachorro, carros, casas e pessoas. “descobrimo a existência de uma ordem definida nas relações espaciais” (SOUZA, 2010, p. 24). Nessa fase há também o jogo de luz e sombra, sobreposições, transparências e harmonia das cores.

Lowenfeld (1976) ainda contribui com a **ETAPA DA FIGURAÇÃO REALISTA:** fase cuja criança encontra-se mais detalhista e perfeccionista ao desenhar mais detalhes, tornando a arte ainda mais próxima do real. A transitoriedade entre o imaginário e o real já não

é mais presente, pois a criança se percebe como pertencente de uma sociedade e inicia a exploração de seus pensamentos a respeito do mundo e do contexto que se está inserido. Em contraposição com a etapa pré-esquemática, a criança consegue expressar as figuras em seus tamanhos reais, representando em um primeiro plano aquilo que é maior e deixando em segundo plano aquilo que é de tamanho menor.

O ato de desenhar é feito por simples diversão, o desenho não exige amigos, simplesmente refletem aquilo que é oferecido a criança, exprimindo ideias e sentimentos que evoluem no decorrer da idade. E os benefícios do desenho são inúmeros, pois facilita a aprendizagem natural, desperta criatividade que propiciam um caminho para a mente saudável, além de colaborar para a socialização das crianças, mantendo sempre em seus mundos fertilidade para o desenvolvimento integral.

Conforme o exposto acima, o desejo das crianças em se expressar podem ser manifestados até mesmo quando os pequenos estão em contato com os alimentos, ao manipular o mingau, chocolate ou até mesmo a sopa, surge uma extrema necessidade de se sujar, situação essa que causa imensa sensação de prazer. Merèdieu (2006) chama essa fase de jogos e manipulações, a qual podemos relacionar com os estudos da psicologia, que corresponde à fase sádico-anal, onde: “A mancha é anterior ao traço por razões ao mesmo tempo psicológicas (por estar ligada ao fato de se manchar, de se sujar) e técnicas (o traçado ganha em precisão acompanhando os progressos motores)” (MÈREDIEU, 2006, p. 25).

Em contrapartida Mèredieu (2006) evidencia em seu livro O desenho infantil, os estudos de William Preyer, que percebe as primeiras manifestações em bebês. Conforme o autor, os rabiscos se evidenciam por meio das expressões de um ritmo biopsíquico único de cada pequeno, entretanto aparecem em meio a aprendizagens dos movimentos naturais como o andar, pular e correr, além do sentir, dessa forma surgem as análises psicomotoras do gesto gráfico. Ou seja, a partir do gesto gráfico podemos elucidar a dependência da compreensão individual do eixo corporal.

A descoberta do traço voluntário e consciente precede a ação das garatujas desordenadas, o ato de materializar sobre o papel o prazer pelo movimento do desenhar. Que surge de forma autônoma, sensível e espontânea. Considerando esse pensamento o professor deve incentivar o estudante, oferecendo estímulos de forma sensível para a transição dessas etapas. Para que não ocorra o declínio da criatividade e expressão pessoal, deve-se evitar cópias de desenhos já pré-estabelecidos, assim como acredita o ensino tradicional. O incentivo desse

processo de liberdade ao rabiscar poderá proporcionar à criança o fazer artístico de suas capacidades criativas e inventivas.

## 2.4 IMAGEM CORPORAL

Ao falarmos sobre imagem corporal, entendemos que o conhecimento sobre o corpo se trata de informações aprendidas dia após dia, tendo em vista esse aspecto é relevante ressaltar as contribuições históricas e as principais teorias sobre o tema. Essa história inicia-se no século XVI com a personalidade do médico Ambroise Paré, ao perceber a existência do membro fantasma, que logo é caracterizado como a sensação de um membro ausente. Três séculos depois Weir Mitchell, da Filadélfia (EUA), afirma que a imagem corporal pode ser mudada sob tratamento ou em condições experimentais (Gorman, 1965).

Seguindo essa esteira de pensamento em ordem cronológica, Jean Le Boulch (1984) apresenta a teoria psicomotora, onde expõe que a imagem corporal representa uma forma de equilíbrio entre as funções psicomotoras e sua maturidade. Esse conceito não corresponde a somente uma única função e sim a um conjunto funcional onde o foco é favorecer o desenvolvimento do indivíduo. Reconhecendo dessa forma o corpo no aspecto da inter-relação de cada uma das suas partes, bem como com os objetos e o espaço que o corpo está inserido.

Le Boulch (1984) também foi responsável por trazer os conhecimentos da psicomotricidade para a Educação Física, abordando a motricidade humana e suas complexidades, defendendo a aprendizagem por meio do movimento do corpo e de sua expressão motriz. A psicomotricidade está centrada em uma perspectiva integrada, considerando o desenvolvimento de um sujeito por meio da íntima relação entre emoção, movimento, cognição. Essa afirmação evidencia um dos principais pilares de uma imagem corporal saudável: manter como elementos indissociáveis os aspectos motores, afetivos e cognitivos.

Já Lacan (1966) expõe a teoria do estágio do espelho, que se entende como uma transformação produzida, a partir de seis meses de idade, quando o sujeito assume inconscientemente uma imagem e estabelece uma relação do organismo com sua realidade. Onde o bebê capta a percepção sobre sua unidade corporal através da mente. Realizada através da identificação de sua imagem no reflexo do espelho. Alimentando mecanismos que foram adquiridos desde a sua idade fetal que são inconscientes para a compreensão de que ali encontra-se uma imagem corporal.

Dessa forma Nasio (2009) corrobora com o pensamento de que a imagem corporal inconsciente é o primeiro momento onde fica registrada na mente da criança bebê, ou mesmo feto, no contato físico, emocional e simbólico com a mãe. É como a criança se sente antes de compreender completamente a palavra e antes de descobrir a sua unidade corporal no espelho, isto é, antes dos três anos de idade.

A contribuição contemporânea de Nasio (2009) apresenta contrapontos relevantes em relação aos pensamentos de Lacan ao afirmar que após o estágio do espelho a criança se frustra ao reconhecer que a imagem refletida não representa a si mesmo indicando uma defasagem entre a sua imagem e a sua personalidade. A imagem do espelho representa como o sujeito é visto pelo outro, quando na verdade a imagem corporal que está em constante adaptação na mente, trata-se de um estado inacessível ao outro. A descoberta de si perpassa por uma onda de assimilações e de inter-relações entre a imagem do corpo que vive e a imagem do corpo que sente, pois, as relações que o sujeito apresenta com o próprio corpo, considerando que somos seres emocionais, ultrapassa a dicotomia de corpo e mente.

Em contrapartida, Paul Schilder (1999) apresenta pontos em comum aos pensamentos de Le Boulch ao afirmar que a imagem corporal é um fenômeno multifacetado, ou seja, que envolve aspectos mentais e sociais. Schilder ainda expõe que a imagem corporal é a figuração do próprio corpo formada na mente do indivíduo, mais especificamente no córtex cerebral. Esse fenômeno traz consigo análises da imagem corporal a partir da psicanálise e da sociologia, integrando em sua completude os aspectos de um fenômeno que é plástico e moldável a partir das experiências, que chamamos de imagem corporal.

Partindo do pressuposto de que as crianças também não são consideradas apenas um dado natural ou fisiológico, mas também dados sociais construídos de acordo com interesses na história, devemos abrir margem para discussões que abrangem a dimensão corporal atrelada aos direitos e necessidades básicas em contextos socioeducativos. Esse aspecto inclui principalmente o direito das expressões e representações corporais sem que sejam subestimados. Pois como traz Daolio (1995) No processo de inCORPOração, as pessoas assimilam e usam valores sociais, normas e costumes por meio de seus corpos. Essa afirmação indica que assim como a infância, a dimensão corporal também pode ser vista pelo seu significado, enquadramento histórico, social e cultural nele inserido.

Nessa perspectiva vamos focar os conhecimentos sobre o corpo e imagem corporal, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós. O nosso corpo é capaz de adquirir conhecimentos e gravá-los, conhecimentos estes que muitas vezes não são ensinados pela

sociedade com seus particulares signos e significados. Dessa forma a produção e apropriação da cultura das quais as crianças estão incluídas, sejam elas institucionais ou não, também refletem diretamente sobre estes corpos.

Ao considerar o corpo na dimensão corporal é válido expor no texto a contribuição de Vigarello que enfatiza: “O corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõe os limites sociais e psicológicos que forma dados a sua conduta, ele é o emblema onde a cultura vem inscrever seus signos como também seus brasões” (1978, p. 9 apud Soares, 1998, p. 17). Nesse mesmo pensamento, aprofundando sobre as “marcas” de pertencimento, Michel Foucault afirma que:

[...] O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... Tudo isso conduz ao desejo de projeto, mas da lógica de estratégias que se opõem umas às outras. E pelo estudo dos mecanismos que penetraram nos corpos, nos gestos, nos comportamentos, que é preciso construir a arqueologia das ciências humanas (FOUCAULT, 1975, p.82).

Após essas contribuições é possível traçar uma verificação a partir das diferenças culturais, ao invés das semelhanças biológicas presente nas vivências que os humanos são oportunizados ao longo da vida. Quando um indivíduo é privado das práticas corporais sua imagem corporal será menos elaborada, pois as práticas corporais são consideradas experiências necessárias para a formação da imagem corporal. Com isso, as influências culturais são fatores fortemente capazes de dificultar uma criticidade em relação a imagem corporal cultural.

Pois conforme Daolio expõe “[...] o que define corpo é o seu significado, o fato de ele ser produto da cultura, ser construído diferentemente por cada sociedade, e não as suas semelhanças biológicas universais” (Daolio, 1995, p. 41). De fato, é possível considerar que o entendimento desses aspectos culturais do corpo possui influências na determinação biológica que um dia atendeu interesses políticos e históricos. É relevante atentarmos nossos olhares para não cairmos em um novo reducionismo sobre corpo e infância, quando tratamos das abordagens biológicas ou sociais. É preciso romper com toda e qualquer dicotomia e considerar a infância e o corpo como híbridos, incluindo aspectos sociais e naturais e não trocar um reducionismo pelo outro.

O processo de socialização ganha grande ênfase quando os estudos envolvem crianças, infâncias e corpo, pois a elaboração da imagem corporal se dá através da interação com o outro e por denominações, é uma estrutura plástica e maleável, podendo moldar-se e alterar-se dia



após dia. No entanto, esse processo pode ou não definir as crianças como simples receptores de normas, conceitos, valores e saberes. Mas, apesar de ser centrados nas experiências infantis os estudiosos não atribuem grande relevância na corporificação e processos que as crianças passam no decorrer de suas vidas sociais. Conforme discorre Sayão:

[...] logo ao nascimento, meninos e meninas têm seus corpos lidos e significados são atribuídos a eles; as diferenças biológicas expressas por seus órgãos sexuais externos e o enquadramento daí derivado vão marcar suas vidas permanentemente. Daí decorre que o corpo seria a primeira forma de distinção social, derivando e marcando todas as outras construções (SAYÃO, 2003a, p. 71).

Portanto, após diferentes abordagens teóricas que visam a liberdade dos corpos infantis, cabe a ressalva referente aos sistemas educacionais que vem tolhendo e reprimindo os corpos e suas manifestações desde o princípio. Definindo os corpos cada vez mais como engessados e padronizados. A capacidade de aspirar um ambiente educacional e social, de uma forma que jamais foi realizado antes pode ser considerado como uma utopia educacional. Mas, para que as crianças e infâncias sejam vistas e consideradas em sua inteireza faz-se relevante verificar as limitações do corpo da criança e como experimentam, constroem e são transformados através das interpretações de adultos. Uma imagem corporal mal formada é capaz de representar um declínio na personalidade não propicia a uma plenitude do desenvolvimento humano.

### **3 DESENHA, ANOTA E FAZ CONTINHA - METODOLOGIA**

O Imagem – Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação está situado na Universidade de Brasília (UnB), na da Faculdade de Educação Física (FEF) e atua no cenário científico desde 2003. O grupo está inserido nos campos da Educação e da Educação Física, desenvolvendo pesquisas de cunho qualitativo, abordando aspectos da infância, educação do corpo e mídias de modo interdisciplinar. Hoje, o principal projeto em curso se intitula “Memórias da infância: coleções de desenhos de crianças de Brasília, São Paulo, Chicago e Berlim”, que obteve financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF). Os produtos de pesquisa vêm sendo sistematicamente vinculados por meio da participação eventos, bem como publicação em periódicos científicos.

O Memórias da infância trata-se de um projeto guarda-chuva, onde contempla mais de uma linha de pesquisa, dentre elas, a imagem corporal. Para a organização e sistematização dos desenhos colecionados no período de 2003 a 2020 os pesquisadores inventariantes em nível de iniciação científica, elaboraram um inventário online que engloba 24 pesquisas em nível de mestrado, doutorado e monografia, evidenciando uma triangulação de dados entre trabalhos

acadêmicos, entrevistas semiestruturadas e desenhos infantis. Para o presente trabalho, foi realizado um recorte da categoria de desenhos que envolvem a temática da imagem corporal.

Essa pesquisa se caracteriza como pesquisa documental, a partir da abordagem qualitativa, que busca compreender o fenômeno e seus significados culturais e psicológicos. Para Cellard (2008), a pesquisa documental propicia uma multiplicidade de fontes. No presente estudo, as fontes principais foram constituídas por trabalhos acadêmicos de pesquisadores do Grupo Imagem e os desenhos infantis propriamente ditos. O quadro abaixo representa no inventário aqueles trabalhos acadêmicos que tiveram o foco voltado para imagem corporal. Os temas dos desenhos podem aparecer de formas variadas como: “a figura humana”, “eu sou assim” ou “autorretrato”.

Quadro 1 – Trabalhos do grupo imagem, presentes no inventário que enfocam os desenhos de **autorretrato**.

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Localidade onde foi realizada a pesquisa</b>	<b>Tema do desenho</b>	<b>Total de desenhos</b>
Ingrid Dittrich Wiggers	Corpos desenhados: olhares de crianças de Brasília através da escola e da mídia	Tese de doutorado	Brasília-DF	A figura humana	Não mencionado
Sheila da Silva Machado	Imagens da infância: mídias e suas representações em práticas corporais infantis	Monografia de Conclusão de Curso de Especialização	Ceilândia	Eu sou assim	26

Thainá Rodrigues de Moura	Infância e corpo: a construção da imagem corporal na rotina escolar de crianças de Brasília, Distrito Federal	Monografia de Conclusão de Curso de Especialização	Brasília-DF	Autorretrato	Não mencionado
Élia Raquel Alves Portella Passos	A mídia nas entrelinhas da cultura corporal infantil	Dissertação de Mestrado	Brasília-DF	“Eu sou assim”	21
Sheila da Silva Machado	“Vivo ou morto?": o corpo na escola sob olhares de crianças	Dissertação de Mestrado	Ceilândia	“Eu sou assim”	19
Thainá Rodrigues de Moura Praça	Práticas corporais infantis em campo: a relação infância e corpo em uma escola do campo no Distrito Federal	Dissertação de Mestrado	São Sebastião	“Eu sou assim”	21

Fonte: a autora

Para essa pesquisa, foram selecionados os trabalhos acadêmicos que apresentam os desenhos de autorretrato confeccionados por crianças entre 6 e 11 anos que participaram das pesquisas selecionadas, e recolhidos durante trabalhos de campo realizados em escolas de Brasília. Foram selecionadas duas pesquisas em nível de mestrado e em nível de monografia que ocorreram nas respectivas regiões administrativas do Plano Piloto e São Sebastião, ambas têm como tema do desenho “eu sou assim”, conforme explicita o quadro abaixo:

Quadro 2- Recorte das pesquisas selecionadas para compor a amostra desse estudo

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Localidade onde foi realizada a pesquisa</b>	<b>Tema do desenho</b>	<b>Total de desenhos</b>
Élia Raquel Alves Portella Passos	A mídia nas entrelinhas da cultura corporal infantil	Dissertação de Mestrado	Brasília-DF	“Eu sou assim”	21
Thainá Rodrigues de Moura Praça	Práticas corporais infantis em campo: a relação infância e corpo em uma escola do campo no Distrito Federal	Dissertação de Mestrado	São Sebastião	“Eu sou assim”	21

Fonte: a autora

Justifica-se essa escolha em virtude da aproximação entre os objetos de estudo, uma vez que ambas foram realizadas no contexto escolar, possuem como tema gerador a imagem corporal, por sua vez, a amostra se apresenta equilibrada entre os números de meninos e meninas. As pesquisadoras desses trabalhos solicitaram às crianças que representassem a sua própria figura humana. Assim, as crianças utilizaram o desenho como forma de expressão, explorando cores e traços. Uma análise cuidadosa que perpassa por diferentes tipos de documentos e a partir de vários meios de comunicação, enriquece a pesquisa (COFFEY, 2014).

Dessa forma, realizou-se, complementarmente, a leitura dos trabalhos acadêmicos, bem como, que elucidaram fenômenos que aconteceram durante o processo de campo. As informações obtidas foram reunidas sistematicamente e analisadas levando em conta referenciais teóricos, a fim de consolidar a interpretação e descrição. Considerar os desenhos das crianças como uma fonte de pesquisa, oportuniza a compreensão da singularidade das infâncias e possibilita o protagonismo das crianças.

Para a descrição dos desenhos, foi elaborado um protocolo conforme o apêndice A para descrever de forma padronizada no inventário os desenhos infantis de autorretrato da coleção do grupo Imagem. Esses desenhos podem aparecer nos trabalhos acadêmicos dos pesquisadores do grupo com os seguintes títulos: eu sou assim, autorretrato ou desenho da figura humana. Ao descrever esse tipo de desenho devemos nos atentar aos seguintes aspectos:

1. Enquadramento (corpo inteiro, retrato ou plano americano);
2. Perspectiva (De frente, costas, perfil);

3. Traços (fortes, fracos, rudimentares ou complexos);
4. Cores (bem colorido ou pouco colorido);
5. Detalhes da Figura Humana (rosto, dedos, mãos, pés, os detalhes estão de acordo com a realidade?);
6. A figura humana está situada no espaço ou ambiente? (presença de cenário ou não);
7. De que forma esse autorretrato se comporta? (o retrato está isolado? Em companhia de outros indivíduos? Está em movimento? Interage com outro elemento do desenho? Apresenta elemento que pode refletir influência midiática, contexto social, cultura ou mundo imaginário?);

Exemplo do protocolo aplicado às descrições dos desenhos de autoimagem:

O autorretrato está representado de corpo inteiro e de frente, apresenta traços rudimentares e fracos. Bem colorido. Sem detalhes da figura humana. Está situado num cenário de fundo azul, com grama, sol e uma árvore ao lado esquerdo da figura humana. Ao lado direito da figura humana há uma espécie de miniatura do autorretrato.

Figura 3- Autorretrato descrito conforme o protocolo.



Fonte: PRAÇA, Thainá Rodrigues de Moura. **Infância e corpo**. 2011.

#### **4 DESCOBRINDO O TESOURO – ANÁLISE E DISCUSSÃO**

Partindo dessa perspectiva selecionamos 8 desenhos de autorretrato dentro das pesquisas de (PRAÇA, 2016) e (PASSOS, 2013) apresentadas no quadro 2, estabelecendo uma triangulação de dados a partir das principais fontes utilizadas: trabalho acadêmico, entrevistas semiestruturadas e os desenhos em si. A análise sensível e em conjunto desses múltiplos

documentos evidenciou que o desenho infantil é capaz de captar as formas mais puras da expressão infantil.

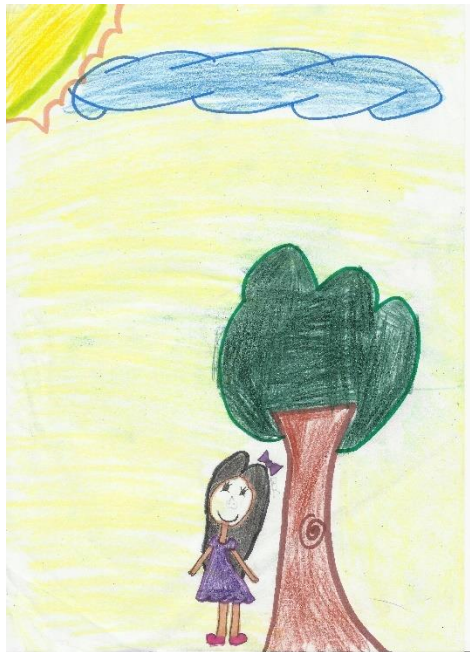
Dessa forma a análise e interpretação dos desenhos de autorretrato foi realizada em “camadas” considerando a representação estética e artística, os significados, as tipologias de personagens que aparecem nos desenhos, bem como o desenvolvimento do grafismo. Os autorretratos analisados salientam a influência do contexto em que a criança se insere, assim como a influência da mídia, da moda, de padrões de beleza impostos e até mesmo do gênero. Esses aspectos foram observados a partir do enquadramento, da perspectiva, do comportamento e dos detalhes da figura humana, tendo como base a aplicação do protocolo elaborado.

#### 4.1 MEU CORPO NO CONTEXTO

Quando falamos sobre as relações do sujeito com seu próprio corpo pode-se afirmar que a dimensão da imagem corporal é também uma dimensão humana, ou seja, podemos pensar o corpo considerando a ideia de processo, de modo a entender que o corpo não se isola do mundo humano. Logo, faz parte desse processo o reconhecimento do corpo em um ambiente, em um espaço e no contexto o qual o indivíduo se insere. Quando levamos esse pensamento para a infância, automaticamente nos leva a pensar nos ambientes formadores e socializadores da vida de uma criança, a escola, o parque com os amigos, os passeios com a família. Esses que fazem parte do processo de reconhecimento do eu no espaço, ou até mesmo do eu como sujeito ativo de determinada sociedade.

A figura 4 apresenta o enquadramento de corpo inteiro com perspectiva de frente, apresentando traços finos e forte presença de cores, é possível identificar os detalhes da figura humana nas mãos, membros e rosto, o cenário apresenta um fundo amarelo, árvore e céu com um grande sol, o autorretrato está isolado próximo a árvore, com um vestido roxo da mesma cor do laço no cabelo

Figura 4 – Um pontinho roxo embaixo da árvore verde.



Fonte: PASSOS, Elia Raquel Alves Portella. **A mídia nas entrelinhas da cultura corporal infantil**. 2013.

Esse autorretrato representa como a criança enxerga o seu próprio corpo situado num ambiente. Lacan (1966) expressa que a relação com o outro e com o meio fortalece a delimitação do eu.

Já figura 5 expressa o enquadramento de corpo inteiro com perspectiva de frente, apresentando traços finos e um desenho bem colorido, retratando um detalhamento da figura humana, com orelhas, membros e outros, de acordo com a realidade, o autorretrato está isolado, não existe cenário e o autorretrato está vestindo um uniforme da escola e um boné vermelho sendo utilizado lateralmente.

Figura 5 - De boné na Escola Classe



Fonte: PASSOS, Elia Raquel Alves Portella. **A mídia nas entrelinhas da cultura corporal infantil**. 2013.

Diferente da figura 4, esse autorretrato apresenta ainda mais detalhes do contexto que a criança se insere, pois aqui há a representação do uniforme escolar, representando que o sujeito faz parte de determinada instituição, onde há normas, horários e regras a serem cumpridas. Dessa forma, podemos observar a apropriação dos costumes sociais presentes nesse corpo infantil.

Em contrapartida a representação do uniforme escolar pode também representar uma forma de controle sobre o corpo. Na passagem da idade média para a moderna há uma perda de atos violentos manifestados em forma de punição e controle sobre o corpo, no entanto isso não significa que não há outras formas de controle sobre o corpo, que se manifesta de forma sutil e gradativa. Foucault (2005) nos apresenta o pensamento do quadriculamento nas escolas, dessa forma há o controle sobre cada indivíduo e simultaneamente o controle de todos, otimizando a economia do tempo e de aprendizagem, dessa forma aquele corpo que se mostra disciplinado é muito mais produtivo.

[...] O poder disciplinar é [...] um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”: ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. [...] (FOUCAULT, 2005, p.143).



#### 4.2 "TEM PÓ DE PIRLIMPIMPIM": O IMAGINÁRIO E O REAL

Os desenhos infantis são capazes de captar a mais pura e singela expressão de uma criança, o ato espontâneo de desenhar permite ao artista libertar a sua imaginação e criatividade ao se expressar. Com apenas uma folha de papel e alguns lápis não há escopos para a imaginação, ao desenhar o artista pode ser o que quiser, quando quiser e onde quiser. A transitoriedade entre o real e o imaginário podem predominar nos rabiscos daquele que sente a necessidade elucidar os seus desejos.

Na figura abaixo podemos observar que o autorretrato está representado de corpo inteiro e de frente. O desenho apresenta traços fortes, complexos e colorido com cores fortes. Há detalhes das mãos, dedos, pés e nariz, a vestimenta se assemelha a um guerreiro ou príncipe medieval. O autorretrato está situado num ambiente com grama, fundo azul e uma casa com traços geométricos semelhantes à de um castelo ao lado direito da figura humana.

Figura 6- O príncipe em seu castelo



Fonte: PRAÇA, Thainá Rodrigues de Moura. **Práticas corporais infantis em campo: a relação infância e corpo em uma escola do campo no Distrito Federal.** 2016.

Assim podemos observar o imaginário retratado nessa figura, como na figura 4 temos as representações do corpo situado no cotidiano real, aqui temos a representação do corpo situado em um contexto fantasioso, podendo expressar até mesmo o desejo do pequeno artista de viver no cotidiano do faz de conta.

Partindo desse pensamento podemos observar na figura a seguir o enquadramento de corpo inteiro com perspectiva de frente, apresentando traços fortes e um desenho bem colorido, a figura humana destaca detalhadamente o rosto, membros e outros que condizem com a figura humana real, no entanto há a presença de dentes semelhantes ao de um vampiro, não existe um cenário e o autorretrato se apresenta isolado, porém com elementos de camisa de caveira, penteado de personagens de que por sua vez podem estar presentes em desenhos ou até mesmo nos jogos de vídeo games.

Figura 7- O menino vampiro



Fonte: PASSOS, Elia Raquel Alves Portella. **A mídia nas entrelinhas da cultura corporal infantil**. 2013.

Seguindo esse pensamento na figura acima podemos observar a ideia de que as produções artísticas infantis apresentam ampla significação psicológica que se expressam através dos processos que buscam seguir uma ordem arquetípica.

Nesse autorretrato podemos ver de forma explícita seus temas, tendo como base de análise a tênue relação com a construção do ego, com a relação imaginário/ real; consciente/ inconsciente. Nesse sentido, o desenho infantil pode se compor por signos e símbolos, traduzindo-os para uma linguagem, pois constitui um código com características próprias.

Esse que está relacionado a determinados contextos sociais e processos sócio-históricos de construção do conhecimento de si, caso em que as crianças como sujeitos são capazes de criar, intuir, compreender, relacionar, sequenciar, configurar e representar. Esse conceito a coloca na posição de portadora de uma estética particular, capaz de produzir e replicar conhecimento e cultura. Gobbi e Leite (1999) corroboram com esse pensamento ao expor que:

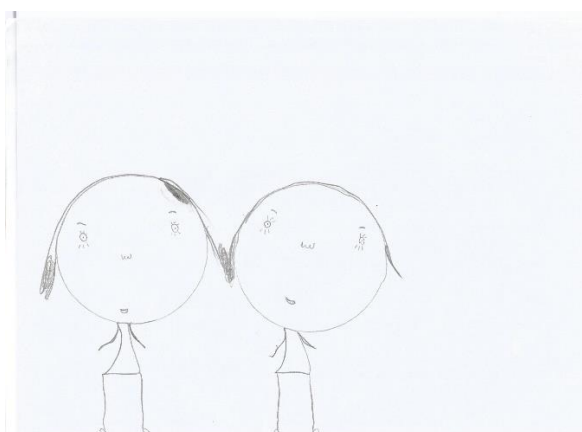
Assim, para Vygotsky, a criança recria ou reproduz o que já existe – constitui novos campos de significação para a realidade presente. É a partir da inquietude, da inadaptação, que o sujeito busca soluções outras, desencadeando o processo de (re)criação. Desta forma, a imaginação e a realidade cotidiana, mediadas pela linguagem, fundem-se na composição do desenho daquilo que a criança co-nhece. Os desenhos são, então, signos constituídos pelas interações sociais. Da mesma forma que não se prendeu às fases ou etapas em seus estudos acerca do desenvolvimento humano, elaborando os conceitos de zonas de desenvolvimento, também não aprisionou os desenhos. (GOBBI; LEITE, 1999, p. 12)

#### 4.3 "QUEM É VOCÊ": OS SIGNIFICADOS E SENTIDOS (ESTÁDIO DO ESPELHO)

Entendemos que o ato de se olhar no espelho faz parte das experiências visuais que constrói pouco a pouco a imagem corporal. Que acentua na mente, estado o qual só pode ser acessado pelo próprio sujeito.

Na figura 8 o autorretrato está representado de corpo inteiro e de frente. O desenho apresenta traços fracos e complexos, não foi colorido. Não há detalhes realistas da figura humana como a presença de dedos. Não está situado em um ambiente. Esse autorretrato apresenta um espelhamento da figura humana.

Figura 8- Frente a frente



Fonte: PRAÇA, Thainá Rodrigues de Moura. **Práticas corporais infantis em campo: a relação infância e corpo em uma escola do campo no Distrito Federal.** 2016.

O corpo é continuamente transformado em diferentes imagens corporais, que persistem ao longo da vida. A partir do momento que percebemos que somos um ser em unidade, aos poucos a nossa própria descoberta se revela, respondendo às relações sociais estabelecidas e com ele, encontramos nosso próprio ser e essência, criando assim, nossa personalidade. Esse autorretrato retrata a imagem corporal atual da artista que o fez, pois, a nossa imagem espelhada passa a ser o primeiro outro. Um contexto em que é possível interagir.

#### 4.4 "TIA, ELE É MAIS ALTO": O EU E O OUTRO

Ao retomar os pensamentos de Lacan (1996) podemos considerar que o estágio do espelho promove a noção da imagem corporal una e percebe que existem outras unidades além dele, logo há um estabelecimento de limites entre o eu e o outro. Quando o limite do outro é estabelecido há uma identificação secundária, ou seja, a compreensão em relação ao corpo do outro. Podemos evidenciar esse aspecto a seguir:

Na figura abaixo há o enquadramento de corpo inteiro com perspectiva de frente, apresentando traços finos e um desenho bem colorido, o detalhamento da figura humana condiz com a realidade e não existe um cenário, o autorretrato está em companhia de um amigo e ambos utilizam o mesmo estilo de roupa, boné e tênis, com diferenças na cor da pele dos dois e na cor das roupas

Figura 9- Eu e meu amigo



Fonte: PASSOS, Elia Raquel Alves Portella. **A mídia nas entrelinhas da cultura corporal infantil**. 2013.

Nesse sentido o estágio do espelho oferece a noção do “outro”, paradoxalmente, a partir da sua própria imagem corporal. Esse autorretrato traz um sentido de ambiguidade que o confronto entre duas dimensões oferece, ou seja, a dialética da conexão entre o eu e a existência socialmente elaborada. Logo nos deparamos com uma situação imperativa da vida, pois estará sempre o eu e o outro convivendo. A existência do outro é constitutiva do eu.

#### 4.5 "TEM QUE SER MAGRA": AS REPRESENTAÇÕES DOS PADRÕES DE BELEZA

Até aqui refletimos sobre algumas influências sociais e culturais que por vezes venha causar impacto na constante construção da imagem corporal. No entanto, atualmente enfrentamos a grande onda tecnológica e midiática que agora, cada vez mais, cedo faz parte dos contextos infantis. Levy (1999) apontou que tecnologias e mídias como a Internet e a televisão têm o maior impacto na imagem corporal dos jovens. A mídia apresenta grande potencial na construção da imagem de um indivíduo e de como um indivíduo se percebe diante da sociedade.

Abaixo percebemos que o autorretrato está representado de corpo inteiro e de frente. Apresenta traços fracos e complexos, com diversidade de cores, porém cores fracas. Há detalhes do cabelo, rosto, mãos, orelhas, olhos azuis, além da presença de maquiagem. Está situado em um cenário romântico com corações, mas com destaque para a figura humana. Nessa

representação destacamos os detalhes para os olhos azuis, boca proeminente e vermelha, cílios alongados, corpo magro além da presença do salto alto.

Figura 10 – A bela menina



Fonte: PRAÇA, Thainá Rodrigues de Moura. **Práticas corporais infantis em campo: a relação infância e corpo em uma escola do campo no Distrito Federal.** 2016.

Ainda nessa esteira de pensamento Andrade e Bosi (2003) apontaram em seu estudo que a forma corporal ideal para a mulher deve ser de um corpo fino, quanto mais magra melhor. Ainda assim, o ambiente social afeta a percepção física de cada pessoa. Com a presença das influências midiáticas, a imagem do “corpo perfeito” tende a ter um impacto negativo nas emoções, principalmente das meninas. Isso os faz sentir que estão abaixo dos padrões de beleza exigidos para viver de acordo com os níveis impostos pela sociedade. Com isso “O ideal de beleza cria um desejo de perfeição, introjetado e imperativo” (MORENO, 2008).

#### 4.6 "DO TRAÇO AO COMPASSO": DIFERENCIAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DO GRAFISMO

As crianças se desenvolvem e simultaneamente seus desenhos também passam por etapas de desenvolvimento. Derdyk (1990) expõe que, assim como as crianças desenvolvem

um processo de construção do grafismo, desde as suas primeiras descobertas na areia, os desenhos da figura humana são profundamente marcados pela cultura. Partindo dessa análise documental, o desenvolvimento do grafismo acontece de forma única e individual, as fases do desenvolvimento do grafismo não necessariamente acompanham a idade biológica. Esse aspecto se evidencia ao analisarmos os grafismos a seguir:

O autorretrato está representado de corpo inteiro e de frente, com o rosto em tamanho grande em relação ao corpo pequeno. Apresenta traços fortes, rudimentares, com diversidade de cores e de formas geométricas. Não há detalhes da figura humana condizentes com a realidade. Está situado em um ambiente com grama, nuvens, árvore, casa e interage com outro indivíduo localizado a esquerda da figura humana principal. Esse autorretrato foi confeccionado por uma criança dentro da faixa etária selecionada para essa pesquisa, de 6 a 11 anos.

Figura 11- Eu sou assim



Fonte: PRAÇA, Thainá Rodrigues de Moura. **Práticas corporais infantis em campo: a relação infância e corpo em uma escola do campo no Distrito Federal.** 2016.

Ao analisarmos os grafismos das figuras anteriores esse desenho torna-se representativo por apresentar os traços rudimentares e as pinturas de forma desordenadas. De acordo com o referencial teórico citado no capítulo sobre o desenvolvimento do grafismo, podemos categorizar esse grafismo na etapa das garatujas ordenadas, fase essa que a criança percebe ligação entre seus movimentos e as marcas feitas no papel, passando para o traço

descontínuo. Desenha trocando intencionalmente de cor, começa a fazer formas circulares e ter controle sobre tamanho e formas de seus gestos.

## **5 É HORA DE GUARDAR OS LÁPIS DE COR – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após essa reflexão acerca da infância, imagem corporal e desenhos, podemos obter o histórico do processo da imagem corporal no ponto de vista da infância, apropriando dos desenhos infantis das pesquisas de Praça (2016) e Passos (2013) que possibilitou a análise sensível de como as crianças das escolas de Brasília na faixa etária de 6 a 11 anos representam seus corpos em meio as influências que abordamos, sendo elas: o contexto sociocultural, psicológico e a mídia.

Tendo em vista a relação entre a imagem corporal e a representação de figura humana por meio dos desenhos infantis, faz-se necessário sensibilizar os nossos olhares e nos desfazer dos princípios adultocêntrico que carregamos, para perceber a completude de significações representadas nos desenhos de autorretratos. Assim como o corpo, os desenhos da figura humana são marcados por culturas e histórias, e nos trazem uma extensão da linguagem corporal. E assim como o corpo biológico se desenvolve, conseqüentemente os grafismos se desenvolvem também, mas de forma própria de cada criança. Não necessariamente o desenvolvimento do grafismo acompanha o desenvolvimento “ideal” para cada faixa etária.

Além disso, o professor de educação física assume papel de grande importância no processo de elaboração da imagem corporal, ao oportunizar vivências corporais aos pequenos. Pois com uma autoimagem que se aprimora a cada dia, a criança está propícia à plenitude de seu desenvolvimento humano, tornando-se capaz de se valorizar e de acreditar em suas potencialidades e competências. A formação de uma imagem corporal bem estruturada pode se relacionar diretamente com a Educação Física. Essa área do conhecimento é capaz de proporcionar práticas corporais e de promover a importância do se movimentar desde a base, a infância.

As influências socioculturais e midiáticas são fatores capazes de dificultar uma visão crítica em relação a imagem corporal cultural. Como exemplo, podemos pensar naquele indivíduo que ao longo da vida teve das mais diversas oportunidades de se movimentar, apresentará uma facilidade para criticar sobre sua imagem corporal. Em contrapartida o indivíduo que teve as oportunidades de vivenciar tolhidas, tendem a se apropriar daquela



imagem que a cultura construiu e impôs. Todo ser humano constrói sua imagem corporal ao longo da vida e as práticas corporais são experiências necessárias para formar a imagem corporal.

Uma imagem corporal que não se desenvolve é capaz de representar um declínio na personalidade, que propicia uma não plenitude ao desenvolvimento humano. Uma imagem corporal disfuncional pode ser percebida nos casos mais leves, através do desequilíbrio, falta de lateralidade etc. Entretanto quando se agrava o indivíduo pode desenvolver distúrbios ou até mesmo a obsessão por procedimentos estéticos para manter o corpo belo e dentro dos padrões, pois começa a haver um conflito entre a própria imagem e a aquela que é imposta.

A partir das análises e interpretações dos desenhos de autorretrato selecionados observamos que diversos aspectos que constituem a dimensão da imagem corporal do ponto de vista infantil foram elucidados. Antes de qualquer coisa nós reconhecemos o contexto que o nosso corpo se insere, quais normas e costumes ele se apropria, assim como as referências sociais que foram retratadas nos desenhos. Notamos também a relação e transitoriedade entre o mundo imaginário e o mundo real nas representações e dos estereótipos midiáticos que influenciam a imagem corporal dos pequenos.

Após o reconhecimento do próprio corpo como unidade, evidenciamos como o estágio do espelho se manifesta nas representações, assim como os significados e sentidos que o indivíduo estabelece com o próprio corpo. Bem como o reconhecimento do corpo do outro e a interação do eu com o outro que se mostra fundamental no processo de construção e reconstrução da imagem corporal.

Por fim, os desenhos de autorretrato de meninas apresentam detalhes como maquiagem, roupas da moda, boca proeminente e salto alto. Esses detalhes representam a visão do que é ser mulher no ponto de vista infantil, além de expressar forte influência dos fatores culturais que impõe o corpo perfeito e o corpo ideal. Observamos também a presença das diferenças das etapas do desenvolvimento do grafismo infantil de crianças da mesma faixa etária, logo, o desenvolvimento do grafismo não acontece da mesma forma para todas as crianças, há quem demore mais em determinadas etapas, há quem passe rápido demais em cada uma das etapas, assim como há aqueles que não passam obrigatoriamente por todas as etapas do desenvolvimento do grafismo.

A partir desse estudo há a possibilidade de aprofundá-lo cada vez mais, como sugestão há a criação de um álbum iconográfico com os desenhos de autorretrato em amostra ampliada,

abrangendo todas as pesquisas presentes no quadro 1. Como forma de elucidar as diferenças e semelhanças retratadas nos desenhos que envolvem a imagem corporal. Há também a possibilidade de aprofundar as análises filtrando ainda mais a amostra, como por exemplo, analisando as representações somente de meninos, ou somente de meninas. Dessa forma poderemos observar as relações de gênero e de corpo.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Angela e BOSI, Maria Lúcia Magalhães. Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino. **Revista de Nutrição**, São Paulo, v. 16, n. 1, p.117-125, jan./mar. 2003.
- ANDRADE, Mário de. Depoimentos 2- publicação periódica para debate da arquitetura. 1981. **Centro de Estudos Brasileiros/ GFAU**, s/d [mimeo].
- ARIÉS, Philippe. História social da criança e da família. 2. ed. **Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos**, 1981.
- BARBOSA, Analedy Amorim; MAGALHÃES, Maria das Graças. S. Dias. A concepção de infância na visão Philippe Ariès e sua relação com as políticas públicas para a infância. **Examãpaku (Roraima)** [online]. 2008, v.1, n.1.
- CELLARD, A. A análise documental. In: Poupart, J. A pesquisa qualitativa. **Petrópolis: Vozes**, 2008, p. 295-316.
- COFFEY, A. **Analysing documents**. In: Flick U. The SAGE handbook of qualitative data analysis. Sage: London, 2014. p. 367-379.
- DAOLIO, J. Da cultura do corpo. Campinas: **Papirus**, 1995.
- DERDYK, O desenho da figura humana. São Paulo: **Scipione**, 1990.
- ELIAS, Norbert. Sobre os Seres Humanos e suas Emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. In: GEBARA, Ademir; WOUTERS, Cas. O Controle das Emoções. João Pessoa: **Editora da UFPB**, 2009. P. 19-46.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder: organização e tradução de Roberto Machado*. Rio de Janeiro: **Edições Graal**, v. 4, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 30. ed. **Petrópolis: Vozes**, 2005

GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**, v. 2, p. 69-92, 2002.

GOBBI, Marcia e LEITE, Maria Isabel. O desenho da criança pequena: distintas abordagens na produção acadêmica em diálogo com a educação. In: *Ata e desata: partilhando uma experiência de formação continuada*. Rio de Janeiro: **Ravil**, 2002. p. 93-148.

GOBBI, Marcia Aparecida. Mundos na ponta do lápis: desenhos de crianças pequenas ou de como estranhar o familiar quando o assunto é criação infantil. **Linhas críticas**, v. 20, n. 41, p. 147-165, 2014.

GOLDBERG, L. G. **Arte-Educação-Ambiental: o despertar da consciência estética e a formação de um imaginário ambiental na perspectiva de uma ONG**. 2004. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2004.

GORMAN, Warren 1965 **Body image and the image of the brain** St. Louis (USA): Warren H. Green.

JAVEAU, Claude. Criança, infância (s), crianças: que objetivo dar a uma ciência social da infância? **Educação & Sociedade**, v. 26, p. 379-403, 2005

LACAN, J. (1966). Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je. In *Écrits* (p. 93-100). Paris: **Éditions du Seuil**. (Trabalho original publicado em 1949).

LE BOULCH, J. *Educação Psicomotora: A psicocinética na idade escolar*. Porto Alegre: **Artes Médicas**, 1984.

LEVY, P. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: **Editora 34**, 1999. 260p.

LOWENFELD, Victor. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1997.

MEDA, J. Los dibujos infantiles como fuentes históricas: perspectivas heurísticas y cuestiones metodológicas. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 14, n. 3, p. 151-177, set./dez. 2014.

- MELO, Lucimara Santos. **O desenho infantil e suas etapas de evolução**. 2016.
- MÈREDIEU, Florence de. **O desenho infantil**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- MOREIRA, A. A. A. O espaço do desenho: a educação do educador. 13. ed. São Paulo: **Loyola**, 2009.
- MONTANDON, Cléopâtre. Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, pág. 33-60, 2001.
- NASIO, J.-D. Meu corpo e suas imagens. Editora **Szwarcz-Companhia das Letras**, 2009.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Educação como exercício de diversidade**, p. 61, 2005.
- PAPALIA, E.; OLDS, W. Desenvolvimento humano. (BUE-NO, D. Trad.) Porto Alegre: **Artmed**. 2000.
- PRAÇA, Thainá Rodrigues de Moura. **Práticas corporais infantis em campo: a relação infância e corpo em uma escola do campo no Distrito Federal**. 2016.
- PASSOS, Elia Raquel Alves Portella. **A mídia nas entrelinhas da cultura corporal infantil**. 2013.
- PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- SALLES, Leila Maria Ferreira. **Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos**. *Estud. psicol. (Campinas)* [online]. 2005, vol.22, n.1, pp.33-41. ISSN 1982-0275.
- SARMENTO, Manuel Jacinto; CERIZARA, Ana Beatriz. **As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade**. In: *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Edições Asa, Portugal, p. 09-34, 2004
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.
- SAYÃO, Deborah Thomé. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. **Perspectiva**, v. 21, n. 1, p. 121-149, 2003.

SCHILDER, P. **A Imagem do Corpo: As Energias Construtivas da Psique**. São Paulo: Martins Fontes, 1999

SIMÃO, Márcia. **Infância, corpo e educação na produção científica brasileira (1997-2003)**. Dissertação (Mestrado em Educação). - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. Santa Catarina, 2007.

SOARES, Natália Fernandes. **Direitos da criança: utopia ou realidade. As crianças-contextos e identidades**. Portugal: Universidade do Minho, p. 77-110, 1997.

SOUZA, Ana Paula Bellot de. **Evolução do Grafismo na educação Infantil**. Pós-graduação – Universidade Candido Mendes Instituto a Vez do Mestre, Rio de Janeiro, 2010. 50 p.

## **APÊNDICE A – Protocolo para descrição dos desenhos de autorretrato**

Esse protocolo foi elaborado para descrever de forma padronizada no inventário, os desenhos infantis de autorretrato da coleção do grupo Imagem. Esses desenhos podem aparecer nos trabalhos acadêmicos dos pesquisadores do grupo com os seguintes títulos: eu sou assim, autorretrato ou desenho da figura humana. Ao descrever esse tipo de desenho devemos nos atentar aos seguintes aspectos:

8. Enquadramento (corpo inteiro, retrato ou plano americano);
9. Perspectiva (De frente, costas, perfil);
10. Traços (fortes, fracos, rudimentares ou complexos);
11. Cores (bem colorido ou pouco colorido);
12. Detalhes da Figura Humana (rosto, dedos, mãos, pés, os detalhes estão de acordo com a realidade?);
13. A figura humana está situada no espaço ou ambiente? (presença de cenário ou não);
14. De que forma esse autorretrato se comporta? (o retrato está isolado? Em companhia de outros indivíduos? Está em movimento? Interage com outro elemento do desenho? Apresenta elemento que pode refletir influência midiática, contexto social, cultura ou mundo imaginário?);

Exemplo: O autorretrato está representado de corpo inteiro e de frente. O desenho apresenta traços fortes, complexos e colorido com cores fortes. Há detalhes das mãos, dedos, pés e nariz. Situado num ambiente com grama, fundo azul e uma casa ao lado direito da figura humana.

## APÊNDICE B – Inventário do projeto Memórias da Infância

A1:D1				
Inventário da coleção de desenhos infantis do Imagem – Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação				
	A	B	C	D
	N	Pesquisador	Título da pesquisa	Tipo de trabalho/Instituição
6	1	<a href="#">Ingrid Dittrich Wiggers</a>	Corpos desenhados: olhares de crianças de Brasília através da escola e da mídia	Tese de Doutorado/UFSC
7	2	<a href="#">Bárbara Moritz</a>	A educação física no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI): desenhos de crianças	Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação/UFSC
8	3	<a href="#">Álvaro Mauricio Moura Paz Ribeiro</a>	Infância e mídia: um diálogo pensado a partir da experiência	Relatório de Iniciação Científica/UnB
9	4	<a href="#">Élia Raquel Alves Portella Passos</a>	A mídia nas entrelinhas da cultura corporal infantil	Relatório de Iniciação Científica/UnB e Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação/UFS
10	5	<a href="#">Sheila da Silva Machado</a>	Imagens da infância: mídias e suas representações em práticas corporais infantis	Monografia de Conclusão de Curso de Especialização/UnB
11	6	<a href="#">Tayana Ramos Schmidt</a>	Uma análise didática de atividades esportivas para crianças em clubes	Relatório de Iniciação Científica/UnB
12	7	<a href="#">Michelle da Silva Flausino</a>	Crianças, corporalidade e comunidades remanescentes de quilombos	Monografia de Conclusão de Curso de Especialização/UnB
13	8	<a href="#">Thainá Rodrigues de Moura</a>	Infância e corpo: a construção da imagem corporal na rotina escolar de crianças de Brasília, Distrito Federal	Monografia de Conclusão de Curso de Especialização/UnB
14	9	<a href="#">Álvaro Mauricio Moura Paz Ribeiro</a>	Produção cultural infantil: práticas corporais sob a ótica de crianças.	Dissertação de Mestrado/UnB
15	10	<a href="#">Élia Raquel Alves Portella Passos</a>	A mídia nas entrelinhas da cultura corporal infantil	Dissertação de Mestrado/UnB
16	11	<a href="#">Sheila da Silva Machado</a>	"Vivo ou morto?": o corpo na escola sob olhares de crianças	Dissertação de Mestrado/UnB
17	12	<a href="#">João da Silveira Guimarães</a>	Mãos à máquina: um estudo sobre mídia-educação e infância	Dissertação de Mestrado/UnB
18	13	<a href="#">Mavrihon José Abrantes Farias</a>	"Não é briga não – é só brincadeira de lulinha": cotidiano e práticas corporais infantis	Dissertação de Mestrado/UnB
19	14	<a href="#">Tayanne da Costa Freitas</a>	A criança e a escola: práticas corporais em tempos e espaços institucionalizados	Dissertação de Mestrado/UnB
20	15	<a href="#">Thainá Rodrigues de Moura Praça</a>	Práticas corporais infantis em campo: a relação infância e corpo em uma escola do campo no Distrito Federal	Dissertação de Mestrado/UnB
21	16	<a href="#">Ingrid Dittrich Wiggers</a>	Educação física e infância nas décadas de 1930 e 1940: novas interfaces entre corpo e natureza	Relatório de Estágio de Pós-Doutorado/UNICAMP
22	17	<a href="#">Ivan Vilela Ferreira</a>	Brincadeiras infantis: uma comparação entre a Escola Classe e a Escola da Ponte	Dissertação de Mestrado/UnB
23	18	<a href="#">Aldécilene Cerqueira Barreto</a>	"Brincadeiras de todos": perspectivas das crianças de uma escola de Brasília	Tese de Doutorado/UnB
24	19	<a href="#">Dione Arenhart Rodrigues</a>	Um mergulho nas experiências aquáticas infantis: "olha o que eu sei fazer"	Dissertação de Mestrado/UnB
25	20	<a href="#">Mavrihon José Abrantes Farias</a>	"Tio, eu gosto é de treta...": o cotidiano infantil nas mediações entre o brincar e o brigar na escola	Tese de Doutorado/UnB
26	21	<a href="#">Flávia Martinelli Ferreira</a>	Nos tempos de brincar: por uma etnografia das culturas infantis nos espaços da escola	Tese de Doutorado/UnB
27	22	<a href="#">Geusiane Miranda de Oliveira Tocantins</a>	Apropriações de TIC e suas interseções entre professores, crianças e adolescentes	Tese de Doutorado/UnB
28	23	<a href="#">Tayanne da Costa Freitas</a>	A educação do corpo na Escola-Parque 210/211 Sul de Brasília	Tese de Doutorado/UnB
29	24	<a href="#">Ivan Vilela Ferreira</a>	Aulas de educação física e percepções de crianças: uma comparação entre Brasília e Estocolmo	Tese de Doutorado
30				
31				